





Rossyr  
Berny  
30 anos  
de poesia  
1976 - 2006

## Amor tsunami



© by Rossyr Berny

Direitos autorais reservados

Editoração eletrônica e Capa: Ulisses Lima / Willian Castro

Prefácio de Joaquim Moncks

Montagem dos títulos internos em Letra-set: Miguel Machado

Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo, autorizando a impressão da obra

Editor: Rossyr Berny

Contato com o autor: [rossyr@editoraalcance.com.br](mailto:rossyr@editoraalcance.com.br)

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:

[www.editoraalcance.com.br](http://www.editoraalcance.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Berny, Rossyr

Amor tsunami / Rossyr

Berny. – Porto Alegre: Alcance, 2006.

120 p.

1. Literatura brasileira - Poesias. 2. Poesias  
literatura brasileira. I. Título.

**CDU 981.(081) – 1**

---

Bibliotecário responsável: Maria da Graça Artioli CRB - 10-/793

**ISBN: 85-7592-053-7**

**ALCANCE**<sup>®</sup>

35 anos de Alcance  
**Prêmio Jabuti**

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 /EditAlcance

 [rossyr@editoraalcance.com.br](mailto:rossyr@editoraalcance.com.br)  [www.editoraalcance.com.br](http://www.editoraalcance.com.br)

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540



*“Amar é mudar a alma de casa”.*

Mario Quintana



## O amor tsunami em Rossyr Berny

Eis mais do que uma nova obra de Rossyr Berny, poeta, romancista, novelista, historiógrafo e editor.

Seguramente um vencedor. Um exemplo de vida de pertinácia, de quem nunca se deixou levar pela vida em “brancas nuvens”. Trabalho, dedicação, entrega ao coletivo, ao solidarismo. A começar por uma tropilha de irmãos. Doze para ser mais preciso. Dezoito, se tivessem sobrevivido todos às precariedades familiares. Filhos de um carroceiro, “seu” Ervandil, e de uma lavadeira, Dona Maria, dedicada mãe que já aparecera no confessionário poético em “Os 12 Apóstolos de Maria”. Mas os encargos da família pobre e digna estão vivos, a balizar no poeta que é preciso perservar no trabalho, obedecendo a visão solidarista que haurira já na infância:

*“Do último inverno que lembro  
buscando pasto no campo inteiro-vidro  
eu era feliz repontando montarias e vacas*

*Trazia o cavalo à carroça do pai  
que trariam ao meio-dia algum alimento  
à mesa da quase vintena de filhos, mãe, avós*

*Do último inverno que lembro ainda menino  
o rigor das precariedades  
nos punha solidários no mesmo ninho quente...”*

(“Não verão maior”, pág. 100)

O poeta interiorano – lambuzado de infância, de verões e invernos na sua aldeia de São Gabriel, de dificuldades para sobreviver, engraxate, viandante das ruas, habitante da periferia arrabalesca – guarda mimosamente os jogos amorosos, o ludismo da infância, a tradução afetiva em poesia, a busca da felicidade compensatória das faltas materiais. Sempre a inconformidade para com o “mundo enigma” na visão do elaborado poeta da forma e do inconformismo, Murilo Mendes, que sofrera, há mais de quarenta anos a “*brasilite*”, a conseqüência patogênica de pensar o Brasil com lucidez, entrega e amor declarados:

*“Sofro de brasilite,  
Misero tétamon  
Para suportar nos ombros o BR:*

*Esmaga-me concreto  
Ainda mesmo à distância  
Ninguém situa o BR  
Inaferrável*

....

*BR:  
Igualmente candidato  
Ao domínio do universo / Maiakovski  
E aos trabalhos forçados*

*Nos teus porões aportam diariamente  
Enormes caixas de problemas - coisas.*

....

*A cada um sua xícara de café  
A cada um aloprado  
Sua mínima ração de morte cotidiana”*

“Grafito para Mário de Andrade”, in *Convergência*,  
São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970, pág.12:3.

A mesma preocupação do poeta Rossyr, que vê o mundo pelo avesso, pelos fundilhos, sob a ótica do caos, existe no poeta russo citado pelo mesmo Murilo Mendes na intertextualidade “Grafito para Vladimir Maiakovski”

*“O planeta não está maduro  
para a alegria”*

(p. citado, idem, *ibidem*, pág.52).

O sobrevivente inconformado retoma de suas memórias andarilhas o lúdico ansioso:

*Cadê o chão que estava aqui?  
Bato braços e pernas no vazio  
bato dentes de frio  
Bato cabeça em busca de ar e de luz*



...

*Cadê o beijo que estava aqui?*

*Bato asas imaginárias*

*no vácuo onde a vida deveria brilhar*

(“O céu que estava aqui”, pág.80)

Sempre a afirmativa lírica, desejosa, compensatória dos desamores. Alias, Rossyr Berny é o poeta dos desamores, do sofrer com o amor impossível, a ponto de generalizar ao universo a sua visão pessoal. Veja-se o seu livro “Desuniverso”, de 1978, o segundo de uma trajetória iniciada com “O Homem-Autômato”, de 1976.

Esta diferença ótica, de visão do mundo dissoluto, do amargor intrínseco à criatura humana, faz de Rossyr Berny um criador poético *gauche*. Aplica-se finalisticamente a Rossyr o que Carlos Drummond de Andrade em sua poesia – coloquialmente – criava para si e que se universaliza para o andar no mundo daqueles que, por correrem à margem dos parâmetros de normalidade, baliza a ótica surreal dos condenados a pensar : “Vai Carlos, vai ser *gauche* na vida.”

O “tsunami” começou cedo em Adão Rossir Berny de Oliveira, menino rico de vivências suburbanas em São Gabriel, caminhos da fronteira oeste, onde as diferenças sociais são ciclópicas e só tem vez o latifúndio e seus donos.

É claro que o vocábulo nem existia nos idos da década de sessenta, quando o espiritual entronizava o poeta após as primeiras letras e lhe coçava o bolso à busca de alguns pilas pra comprar guloseimas.

Tsunami, o fenômeno marítimo que dizimou duzentas e cinquenta mil pessoas na Ásia, ocorrido no final de 2004 (“2005 inaugura-se / regurgitando corpos asiáticos às praias) e que confrangeu o mundo, entranhou-se também, nas “juntas” de pés e mãos do menino carente de São Gabriel. Os medos, as necessidades vitais, a urgência da paz para um mundo permanentemente em guerra (por valores comezinhos espiritualmente), a ação. destruidora do fenômeno marinho fez com que o poeta desse ao livro o título “Meu Amor Tsunami”. Dicionariza o poeta o barbarismo, adotando-o em sua dialetal alienígena, a grafia nas letras brasileiras. E o curioso é que ele acopla a barbárie fenomenológica ao AMAR.

Conota e denota o quanto a perda da amada corrompe, macula, afunda e destrói os seus valores de posse na concepção mais fática e machista.

*“Cadê o amor que estava aqui no peito?  
Agora cremado não é nem mais cadáver  
para exumação e autópsia  
Teria mesmo existido  
ou só foi falso braseiro o tempo todo?”*

(“O céu que estava aqui”, pág. 80)

E prossegue a louvação amorosa na ótica diferenciada, própria, tentativa de busca de permanente originalidade no faz poético do poeta:

*“Por mecanismos de legítima defesa  
a saudade se autodestrói  
quando beira o precipício*

*(Queima o mundo)*

*Do salto nascem pára-quedas de vôos  
para os tempos de limbos  
Mas vésperas de novos céus e ninhos*

*Tempos de outro nome de mulher”*

(Automedicação e efeitos colaterais, pág.114)

E o autor, partindo do confessionalismo íntimo (que é pedrada-toque de todo o discurso amoroso) distende, espraia o seu amor ao coletivo. Justifica-se no solidarismo. A coletivização cria momentos interessantes num livro em que se faz o laudatório amoroso para o amor impossibilitado por questões extrínsecas ao afetivo:

*“Porque tanto te chamo  
todo meu vocabulário é só teu nome*

...

*Toda a voz que tenho  
só serve para clamar teu nome  
Grito que teu desamor consome*

...

*Mesmo rouca  
a voz louca grita aos sussurros  
ao alcance inútil do teu coração de pedra”*

(Voz louca, pág.31)

E o mundo toma corpo, amplia-se na inconformidade, no gauche pesaroso, infantil, resquícios dos embates, faltas, carências de antanho na memória rediviva:

*“Passeio a vida  
passo a passo comigo em falso*

...

*Saístes de mim  
apagando a última luz  
E eu aqui, filho da noite  
tomado de escuro e de medo”*

(Cadafalsos, pág. 24)

Mas a voz interior recrudescer na denúncia e na fortaleza da palavra, naquilo que o poeta crê que é preciso mudar para alimentar a esperança social:

*“Ferreira Gullar  
deixou enferrujar no coldre  
sua palavra vigorosa*

*Seu poema sujo  
queria lavar o mundo  
e não banhou a si próprio*

...

*O país tornou-se a pátria dos sonhos  
sem fome desemprego dívida externa  
ou a poesia envelheceu verbo e lâmina?”*

(“A poesia envelheceu no coldre”, pág.60)

E, indignado em “Tempo de Sacrificios” (pág.50) recompõe o mundo no lirismo idealista dos que não compactuam:

*“É preciso sangrar a noite  
para que a justiça se faça às claras  
e os promotores de guerras  
exploram em seus colos de ouro  
os próprios mísseis*

*É preciso sangrar o sol  
Para que de seu ventre  
Venha calor às geleiras dos rostos tristes  
Dos escombros somem-se ombros  
E surjam luzes na esperança social”*

E arquiteta-se amoroso, pleno, anjo Gabriel a expulsar demônios:

*“Mas, armado de salvação em massa,  
o amor combate a carnificina*

...

*Seu arsenal é a palavra paz  
Cruel quando bélica  
Bela quando justiceira*

...

*Arma de destruir em massa o ódio  
Os justos  
Hão de aniquilar tirania e abismos”*

(“Precipícios”, pág.70)

Lembrando “Crisbal, o guerreiro”, de Paulo Roberto do Carmo, professor e poeta, vinde a lume no RS na década de sessenta, diz Rossyr Berny, o aguilhão templário e justiceiro, agora reduzido à importância do real:

*“Causa solidária revolta  
sentir a vida ferida de tristeza*

...

*Meus sonhos febris  
insistem ser  
alívio à humanidade*

*mas sou apenas um homem  
poeta  
filho imperfeito de Deus”*

(“Comovências”, pág 69)

A autodestruição sempre foi patrimônio dos amantes da vida, dos artistas em geral, e , em particular, do artesão da palavra, o poeta:

*“Confiante nas estrelas  
a quem emprestas teu brilho  
e nas vozes do amor  
a quem emprestas tua voz  
aninhei-me em teu colo quente*

*E então despertas de repente  
no porto frente ao mar bravio*

*E todos os sonhos  
(barcos ancorados)  
são postos a pique”*

(“Rescaldos”, pág. 116)

Poeta, no dizer dos gregos, tem a mesma origem da palavra profeta. Os romanos não deixaram por menos e deram aos seus bardos, aos seus menestrais, o nome de “VATE”, do verbo vaticinare, que quer dizer “antever, prever o futuro”.

Rossyr, bardo crioulo, gabrielense proletário, hoje formado em Jornalismo, aperfeiçoado em Teoria da Literatura, urde o futuro em seus livros e, como editor, projeta vozes proféticas que poderão mudar o mundo, numa visão otimista, ou, no mínimo, ajudar na compreensão fenomenológica dos temporais que se abatem sobre as pessoas, ferindo de morte a vida, ressuscitando a esperança.

A Poesia é a voz dos oprimidos no coração e no bolso.

Nosso poeta não tem uma linguagem doce, nem uma visão comportada sobre o que o rodeia, porque o circunstancial de sempre lhe é ácido, dolorosamente amargo.

O amor que ele retrata nesta obra é comovente para quem vai além das palavras e fórmulas comuns:

*“E já era véspera de te procurar  
até onde dói o martírio de Cristo  
até onde alcança a voz de Deus”*

(“Tudo estranhamento pleno”, pág.111)

Seja bem-vindo o leitor ao universo pleno do instigador, do provocador de várias emoções contraditórias a quem projecta e lúcida escritora Ney Azambuja chama de “poeta rebelde”. Para Rossyr, nos vagidos de sua poesia, a mulher abre o ventre para a palavra, enquanto o poeta cochicha:

*“Tu singras  
Eu sangro*

*Separados  
quem de nós naufragará primeiro?”*

(Sem velas ou bandeiras de aceno” pág.,36)

E clama, num vocativo amoroso, repleto de possessão, transfigurando a matéria da vida:

*“Cigarra mágica,  
cante para que mais me encante  
Pois um segundo mais que cantes  
nos tocamos de eternidade”*

(“No principio não éramos nem o verbo”, pág. 46)

Bem-vindos ao 17º livro do poeta Rossyr Berny, em quem mundo renasce a cada poema!

**Joaquim Moncks**

Passo de Torres - SC, 07/02/2005

# Índice

## **Meu amor tsunami**

Meu amor tsunami . . . . .	22
Cadafalsos . . . . .	24
Sem ter de te matar em mim . . . . .	25
Material de construção . . . . .	26
Porto improvável. . . . .	28
Subserviência . . . . .	29
Um só coração para dois . . . . .	30
Voz louca . . . . .	31
Entregue ao devoramento . . . . .	32
<i>Día de las Madres en la Plaza de Mayo</i> . . . . .	34
Bandida e carpideira . . . . .	35
Sem velas ou bandeiras de aceno . . . . .	36
Dias do avesso . . . . .	38
Nada mais fazer que não partir . . . . .	39
Cantos escuros e claros desencantos . . . . .	40
O pó que agora o vento sopra . . . . .	41
A última gota de tua boca . . . . .	42

## **Trigais vêm me ventar teu nome na boca**

Trigais vêm me ventar teu nome na boca . . . . .	44
No princípio não éramos nem o verbo . . . . .	46
Bem-de-nascença . . . . .	47
Trindade na madrugada . . . . .	48
Vozes dos cheiros . . . . .	49
Bandeira branca . . . . .	50
Armadilha da posse . . . . .	41
Unicidade . . . . .	52
Viúvo de amor vivo . . . . .	53
Reestréias . . . . .	54
Sagração e sentimento de partida . . . . .	55
Indormidos . . . . .	56
Encantamento . . . . .	57
Memória amorosa . . . . .	58

## **A poesia envelheceu no coldre**

A poesia envelheceu no coldre . . . . .	60
Cão daninho . . . . .	61
Tempos de sacrifícios . . . . .	62
Eudiabrado . . . . .	63
Expectativas para a próxima vida . . . . .	64
Vestida de napalm . . . . .	65
Os olhos de Deus e os olhos de Alá . . . . .	68
Comovências . . . . .	69
Precipícios . . . . .	70
Somados abraços . . . . .	71
Amorosidade e questão social . . . . .	72

## **Lembrete para morrer amanhã**

Lembrete para morrer amanhã . . . . .	76
A noite em que o mundo acabou . . . . .	77
O céu que estava aqui . . . . .	80
Confissões de desamparo . . . . .	81
Olhos que chovem . . . . .	82
<i>La mala suerte</i> . . . . .	83
Poderosa . . . . .	84
Solidões . . . . .	85
Resistência ao naufrágio . . . . .	86
O mundo recomeça no fim do mundo? . . . . .	87
Mais do que partilhado aos dias . . . . .	88
Todas vidas que levamos . . . . .	90
Em que mares e em que margens . . . . .	91
Refis sem reposição . . . . .	92
Teu único homem possível . . . . .	93
Desvairo . . . . .	94
Sinais de insobrevivência . . . . .	95
Última notícia do <i>front</i> . . . . .	96

## **Corpos nos digitais**

Corpos nos digitais . . . . .	98
Posseira . . . . .	99



Não verão maior .....	100
Princesa encantada .....	102
Mulher .....	103
Olhos de amar .....	103
O planeta se faz plátanos .....	104
Cama e mesa postas .....	105
Quando somente o corpo parte .....	106
Endereço completo .....	107
Saudades dos amigos mortos .....	108
Pintura de fim de noite .....	110
Tudo estranhamente pleno .....	111

### **Automedicação e rescaldos**

Automedicação e efeitos colaterais .....	114
Rescaldos .....	116



Rossyr  
Berny  
30 anos  
de poesia  
1976 - 2006





## **Meu amor tsunami**

Aos sobreviventes do pavor  
envio roupas, cestas básicas, água potável  
Mas sacrificar o que mais a ti?  
De meu amor fazes cinzas e insobrevivências

# Meu amor tsunami

Dezembro levantou âncoras – devastador  
2004 trouxe tsunamis para se despedir  
2005 inaugura-se  
regurgitando corpos asiáticos às praias

Dezembro também devorou e devolve  
os corpos de nosso amor jurado imortal  
Água vira veneno  
mar provedor – maremoto  
terra firme – terremoto  
Meu Deus – que diabos!

Meu amor tsunami  
também é bomba atômica  
Quando explodes e abres os braços  
afastando-se de meu peito terno  
varres fronteiras, civilizações  
Igual ondas tsunamis ao se abrirem  
és oceano que se joga de corpo inteiro  
sobre os corpos frágeis da costa asiática

II  
Por seres bomba e tsunami  
ao recolheres teus braços  
em furioso repuxo e abraço medonho  
redobras a devastação sobre a Tailândia  
Sobre a Indonésia Sri Lanka Índia Malásia África  
Sobre mim

Aniquilas minha geografia debilitada  
por teu adeus nos escombros onde habito

Luto e pânico dizem nove de cada dez edifícios  
Uma a uma ilhas desaparecem ou se partem ao meio  
Tua domesticação de ondas assassinas  
amortalha em fome cinco milhões de sobreviventes

Chega dar vergonha  
assemelhar a perda de teu amor  
às dores que inundam países, paraísos  
Apocalipse líquido abocanha, ruma e devora  
250 mil florações humanas

Aos sobreviventes do pavor  
envio roupas, cestas básicas, água potável  
Mas sacrificar o que mais a ti?  
De meu amor fazes cinzas e insobrevivências

Sobrevivo à tua perda  
E morro todas as vidas asiáticas  
meu amor hiroxima, meu amor tsunami

# Cadafalsos

Passeio a vida  
passo a passo comigo em falso

O mundo é meu cadafalso  
por crer em cada falsa paixão

Sonhei passear a vida  
passo a passo contigo  
Fiquei sozinho comigo

Condenado ao cadafalso  
de cada falso sonho  
pintei a vida em vitrais de ouro  
Precisas pedras preciosas

Saíste de mim  
apagando a última luz  
Eu aqui filho da noite  
tomado de escuro e de medo

O pânico é que não voltes  
a alimentar-me com teu colo

Afogado entre perdidas e perdidos  
noites-dias  
espero salvamento  
por tua respiração boca-a-boca



## Sem ter de te matar em mim

Deve haver  
uma maneira de te matar em mim  
sem eu ter de morrer

Deve surgir  
um jeito de explodir o coração  
sem implodir o peito arfante  
Sem repetir-me em tropeços e tombos

Deve nascer  
uma forma de te matar em mim  
sem eu ter de morrer  
Antes oco e seco  
do que esta dor represada  
Sem pranto que seja alívio  
Desaguamento

Deve existir ou devo inventar  
uma maneira de morrer  
sem ter de te matar em mim?

De nós dois  
seja eu o hospedeiro descartável  
Que a viúva negra  
me sacrifique após o prazer

Sejas tu a luz no fim do túnel  
Os que vêm atrás  
sonham que o amor é doce fogueira

# Material de construção

De que matéria-prima és feita?  
Prima ou irmã de que estação orbital?  
És que planeta do sistema insolar?

Da matéria-prima que és feita  
pedreiros erguem edifícios  
Estendem-se rodovias trilhos e trens

Da matéria-prima que pareces feita  
a indústria bélica fabrica blindados  
Blindagens

De tua matéria  
florescem montanhas de gelo  
Delicados azulejos em pisos e paredes

Da matéria-prima que és feita  
não se faz manhãs ou arrebóis  
Nem bonecas nem meninos  
Não se troca abraços ou beijos na boca

Da matéria-prima que *não* és feita  
fazem berçários e cupidos  
palavras de encanto e ressurreição  
Fazem aconchego do que fora lodo e precipício

Da matéria-prima que és feita  
fabrica-se lâminas para os desamados  
cortarem pulsos carótida  
Vazam corações

Fosses nascida em carne e ossos  
músculos e costelas de Adão  
entenderias melhor os códigos do querer  
que em mim descrias em série

Da matéria-prima que és feita, amada,  
és obra-prima em semear solidão  
no campo infértil onde definho

# Porto improvável

Perdido de ti  
sou metade de mim

Em meio a oceanos revoltos  
minúsculo barco  
o melhor porto que busco  
é o milagre do teu abraço

Isso se deixares rastros  
aos meus digitais, faro, olhos  
Te buscaram enlouquecidos

Isso se deixares indícios  
nos faróis ou céus ou cios  
madrugadas indormidas

Isso se nos ventos de tua passagem  
deixares resquícios na paisagem

Talvez te denuncie algum flagrante  
de meu nome em tua lembrança  
E a saudade te surpreenda em pranto

Perdido de ti  
sou pedaço de mim

Serei inteiro contigo inteira  
quando teu peito reabrir-se ao meu  
no porto fantasma do teu retorno

## Subserviência

Em noite de baile de gala  
– por tua irrevogável partida  
danço a festa toda comigo

Feliz com tua presença ontem  
Feliz com tua ausência hoje

Para sobreviver  
perdi de propósito  
teu sapatinho de cinderela

Mas recaio no vício da paixão  
Peco por reincidência

Sobrevivente  
subserviente  
volto sempre a te procurar

Submetido a ti  
deixa-me salvar de mim

Tetraplégico por tua partida  
preciso curar-me  
– ainda que pela eutanásia

Volta para me salvar  
Ajuda-me a desligar os aparelhos  
que me mantêm preso a ti

## Um só coração para dois

Meu vôo suicida  
deixa tua casa e sinaleiras para trás  
Transito tresloucado  
na madrugada quase amanhecida

O pranto atravessa a cidade  
rua a rua bairro a bairro  
Fujo do peso da barra do dia  
Fujo de amor tão explosivo

Vôo agônico por esquinas cruzamentos  
pontes portos ruas avenidas sinais vermelhos  
Sou pranto convulsivo varando a cidade

Decidimos juntos sobreviver separados

Deixo para trás teu choro molhando a cama  
Ainda quente de suores e gozos  
que trocamos noites inteirinhas

Nos separamos agora  
com chance de que um de nós sobreviva  
ou nos consumiremos os dois  
Somos um a respiração do outro  
Um o olhar a vida o deus do outro

II

Nossos corpos siameses  
geraram um único coração para dois

## Voz louca

Porque tanto te chamo  
todo meu vocabulário é só teu nome

Miragem é tua imagem  
ao alcance ilusório do beijo

Seco e cego  
clamo pelos rios de luzes  
que me trarias se me amasses

Toda a voz que tenho  
só serve para clamar teu nome  
Grito que teu desamor consome

Toda força que me resta  
só se presta para te chamar  
E porque tanto te amo  
todo meu dicionário é só teu nome

Rouca  
a voz louca grita aos sussurros  
ao alcance inútil de teu coração de abismo

## Entregue ao devoramento

Tu sabes que ele te exterminará  
mas aceitas sucumbir

Ele te tornará infeliz  
Encherá tuas noites de insônia  
dias de taquicardia e pânico  
Mas o aceitas como carrasco

Roubará o fôlego e a paz  
Te porá a ferros  
imerso horas em água fervente  
Até que o perecimento te seja prêmio

Ao aceitá-lo com devotamento  
todos os sentidos do corpo e da vida  
estarão entregues ao devoramento  
Felino faminto  
te consumirá em lentas bocadas  
Até que só reste lembrança nenhuma

Ele incendiará tua casa  
e a de teus descendentes  
Terá o cuidado de antes  
trancar todos a sete chaves  
Ainda assim o adorarás  
com rezas e banhos de ervas aromáticas

Predador, triunfará  
sobre os restos mortais de teus sonhos  
Ainda assim o chamarás “salvador”



Fará da doçura amargor sem cura  
Excomungará o que na vida ensaiar cores  
Arrumará a casa  
para receber a todos em festa  
Mas a ti reservará a hora da faxina  
a cama desfeita há dias  
Ou minutos entre um e outro e-mail  
dando notícias ao mundo – menos a ti

A última vítima será o coração  
O cérebro torturado  
muito cedo estará louco

## II

A penicilina evitou dizimações  
A ciência criou a anestesia  
e experimenta vacinas à AIDS  
Mas que antídoto vencerá a paixão?

O amor do homem por uma mulher  
chega por oceanos de luzes  
Mas quando partir te partirá inteiro

Abandonado nu e só na era glacial

## Día de las Madres en la Plaza de Mayo

Acabou presa em tua boca  
a palavra que desceria a guilhotina  
Adeus piedoso e mudo

Empoeiradas por ausências  
de beijos e vozes amorosas  
teias antigas multiplicam-se

Neste restaurante estrangeiro  
onde almoço, escrevo e soffro,  
maridos oferecem flores às suas mulheres  
*Hablandel amor y hijos sobrevivientes*  
Fico pasmo de encanto

Ali fora, *Las Madres de la Plaza de Mayo*  
reclamam aos generais seus filhos desaparecidos  
Fico pasmo de revolta

Neste restaurante estrangeiro  
minha saudade brasileira  
recorda o amor vívido  
Soffro os filhos que desistimos de ter

Compro um buquê de flores  
que oferece um senhor de terno gasto

Antes de somar meu grito de revolta  
na *Plaza de Mayo*  
esqueço de propósito  
o buquê de rosas sobre a mesa

Sepulto juntas  
minha solidão  
e tua lembrança que me enlouquecem

## Bandida e carpideira

Será a qualquer mágico momento  
– acendo-me

Se multidões de rostos e tempos  
passam por aqui  
– passarás por meus olhos que te buscam

Seguidamente exausto congelo o pulsar  
Hiberno  
Desfaço-me em sombras duradouras

Aguardo meses e anos fiarem  
e se desfiarem  
sem que tenham qualquer tecido teu

### II

Carpideiras do degelo  
em velórios ou em lavouras  
sãos gêmeas que em mim  
se prestam a revolver escombros

Fingidamente choram e carpem  
o corpo pedregoso  
– ressequido ao mormaço do abandono

## Sem velas ou bandeiras de aceno

Do alto de casa  
por meses vejo navios aportando  
Abrem seus ventres imensos  
a guindastes carregadeiras estivadores  
Trocam carregamentos timoneiros tripulações

Frotas anônimas, vindas e idas  
sabe-se Deus pra onde e por onde  
Partem para longe mas voltam sempre

Embarcações suntuosas  
parecem colméias ou edifícios horizontais  
São cruzeiros cruzando águas doces e salgadas

### II

Do alto de casa  
por dias vejo veleiros barcos botes  
lanchas barças

Parecem coloridas aves  
que não se demoram na busca do alimento  
aos filhotes aos ais famintos no cais

Ausentam-se dos portos  
apenas por manhãs ou tardes  
No máximo por noites de pescarias

### III

Do alto de casa  
por horas sinto-me enlouquecer nas águas  
Necessito saber de ti  
Por que mares corres riscos?  
Por que ondas andas perdida?  
Que oceanos encantas com teu cantar?

Bem poderias entre tantos navegares  
aportares em meu peito  
Resgata o corpo-porto abandonado  
Velejaremos oceanos desconhecidos  
Conquistaremos novos povos à paz  
Tesouros escondidos serão as praias virgens  
Aportaremos um no outro – sem partidas?

### IV

Aqui da solidão de casa  
ao longo das horas meses anos  
pequenos barcos ou frotas mercantes  
passam ao largo  
Partem e voltam ao longo dos tempos

Nem velas ou bandeiras  
Nem multidões nas ruas apinhadas do mundo  
dão notícias de tua improvável volta

Tu singras  
Eu sangro

Separados,  
quem de nós naufragará primeiro?

## Dias do avesso

Se o dia inicia o dia  
com o pé esquerdo  
já na saída da porta à rua – desiste  
Esta manhã não existiu  
– permanece noite

Dá meia-volta pra cama  
Apaga-te até o sol vindouro  
Melhor:  
dorme meses para retomares forças

Deixa hibernar em ti o urso atingido  
até findas as cicatrizes:  
no início do verão polar  
no final do inverno tropical

Dias do avesso  
são para arremesso ao lixo

Nada mais avesso  
que te encontrar de paixão nova:  
no primeiro passo do dia  
em que eu te imaginava amor esquecido

# Nada mais fazer que não partir

Quando no abrigo do coração  
o amor desabriga o amor  
não há nada a mais fazer que não partir

És o céu que não consegui tocar

Insistirei em outros tempos e templos  
outros céus  
E a uma nova mulher chamarei *Esperança*

Tanto foi o meu querer  
que transbordou no teu esquecer

Vulcões vendavais inundações  
nos submergiram na indiferença

Quebramos solenes juras  
de findarmos os dias  
respirando um na boca do outro

## Cantos escuros e claros desencantos

Entre um e outro piscar de olhos  
o rosto umedece  
pela dor que insisto esconder de nós

Digo teu nome  
como se um crime confessasse  
E ocultasse o cadáver do amor  
que tento sepultar no peito

Não mais prantearei  
pelos cantos escuros  
da casa e do mundo

O amor não pode ser este desamparo  
Sucumbência de estar no deserto  
Sem nenhuma chance  
de água e sobrevivência



## O pó que agora o vento sopra

O corpo-gargalhada  
o corpo-luz de que fui feito  
tua ausência pulverizou

Apagou-se um sorriso a cada lembrança

O pó que agora o vento sopra  
nem percebes em tua passagem apressada

– mudamente ele chama teu nome

## A última gota de tua boca

No pensar  
do mar que me olha  
devo ter enlouquecido

Ou ele

Tem medo de que o beba  
depois de me ter embebido  
da última gota do amor  
que ela deixou como alimento

Sozinho no corpo  
sozinho no mundo  
sozinho velo a própria morte



**Trigais vêm me ventar  
teu nome na boca**

Todo o encanto  
é alguma parte do teu corpo:  
planícies montes lavouras cavernas

# Trigais vêm me ventar teu nome na boca

Pela janela do carro  
campos matas e gadario  
vêm falar em ti

Emoldurados pelo sopro divino  
trigais em tempo de colheita  
vêm me ventar teu nome na boca

Pelas portas do peito aberto  
pelas cores do arco-íris  
teu nome invade o sangue

A vida verde de tudo o que se vê  
parece ser primavera todas estações  
As findas e as vindouras  
O sol pulsa e brinca no pasto  
Pasta arrozais

No momento em que Deus  
desfaz-se em água, verde e amplidão  
teu nome é a canção que ouço

Cada suspiro do mundo  
gestado no ventre do horizonte  
soma-se à minha vida tomada de ti

No céu as plantações de algodão  
movem-se de lugares e cores  
Umedecem de sombras  
o descanso do gado e dos pássaros  
que vêm florescer em mim o teu corpo

Terras áridas e sulcadas  
preparadas pelo aço de tratores e arados  
recebem sementeiras  
Logo serão alimentos à fome do mundo

No solo onde vida se vê  
há o subsolo que se esconde  
Há água salvadora  
para tua sede e da humanidade

II  
Estaciono o carro  
Deixo de ser observador da paisagem  
para diluir-me nela  
Sou paisagem contigo

Todo o encanto  
é alguma parte do teu corpo:  
planícies montes lavouras cavernas  
Vidas animal vegetal mineral mulher

Céu solo e subsolo  
Partes de ti, agora partes de nós

Minhas mãos acariciam  
o trigo de teus cabelos  
É doce a água de tuas lagoas e açudes  
Bebo teus sumos e sucos

## No princípio não éramos nem o verbo

Chega-me agitando bandeira branca  
quando a espera pelo amor era amarga ausência  
Pulsos cortados  
Desistência de sóis e de luares

Agora tomados de nós  
somos entornadas taças  
pelas peles bocas e corpos  
Pura sede nas sedas do anoitecer

Nos alvos sonhos  
somos a quente cama de lençóis revoltos

Cigarra mágica,  
canta porque mais me encanta  
Um segundo mais que cantes  
nos tocamos de eternidade

Em nossos meios  
dois meios paraísos se completam  
O amor nos descobriu e se fez luz

No princípio não éramos nem o verbo  
Depois se fez o verso em tua voz  
E o verbo e o verso nos milagraram

Redimidos Adão e Eva  
Deus nos pôs nus  
no colo quente um do outro

Que outro céu será melhor?

## Bem-de-nascença

Ulisses,  
na homérica odisséia de volta para casa,  
precisou amarrar-se ao barco  
para fugir à tentação do canto das sereias

A mim  
sereia alguma precisou entoar canto algum

Antes de suas vozes e utopias e mares  
eu já nascera naufragado  
nos braços de febris encantamentos

## Trindade na madrugada

Sempre falamos baixinho  
como em situação de pecado

Ou medo de interrompermos  
com nosso ato canibal  
o descanso de deus-guardião  
aos pés de nossa cama



## Vozes dos cheiros

O vôo alçado sem asas  
o paraíso extraviado  
Tudo se abre num abraço  
quando olhos se beijam  
e bocas sedentas salivam

De tão cúmplices  
matariam o escuro para permanecermos dia  
Salvariam nuvens para sermos descanso etéreo

Perfume algum  
se não as vozes dos nossos cheiros  
redimem Deus pela criação do homem bélico

Pacíficos,  
revolucionemos armamentos e guerras  
a que busquem fornos e tratados de paz  
para o próprio aniquilamento

II  
Nossos cheiros são vozes que se misturam  
e nos incendeiam

# Bandeira branca

Entenda:  
não precisamos nos matar  
para renascer

Para que um de nós amanheça  
não carece que o outro anoiteça

Para que um de nós brilhe  
não carece que o outro escureça

Por tempos nos polinizamos de amor  
Não precisamos crucificá-lo  
por já não sermos um a vida do outro

## Armadilha da posse

Há toda sintonia entre nós  
perfeita harmonia  
Doces cumplicidades

O amor ultrapassa  
luminosas loucuras  
É sublimidades

Precisamos urgentemente  
não pensarmos em casar  
Não tombarmos  
na armadilha da posse fugaz

Precisamos estar livres  
para estarmos juntos

# Unicidade

Só vou saber que te esqueci  
quando a balança  
mostrar apenas meu peso

Por enquanto,  
me imaginar sem ti  
é olhar meus braços  
e não estarem aqui

É olhar-me no espelho  
e não nos ver

Só vou saber que te esqueci  
quando me tocar  
e não mais te sentir

## Viúvo de amor vivo

A perda do amor  
é esta pedra de sal na boca  
Teu nome consumindo a vida

Viúvo de amor vivo  
sobrevivo plasmada estátua

Vendo que não vens  
vivo viúvo vendo vinhas  
virarem pobre passa no pé

És colheita  
incolheita por essas mãos medrosas  
de nova entrega

Viúvo de amor vivo  
não sobreviverei  
a novo encantamento  
da sereia dominadora

Viúvo de ti não sobreviverei a mim

Crédulo patinho feio  
sucumbirei sempre  
à tua aterradora beleza

## Reestréias

Dos filmes que tenho sido  
as estréias amenas  
são reprises de abalos diários

Submeto-me pacífico  
às sangrias e torniquetes  
às amputações e reimplantes  
dores e morfina

De volta aos lençóis  
reentrega teu corpo  
às minhas mãos e boca  
que sempre nos salvaram

A gente reestréia  
nosso sopro de acender vulcões

## Sagração e sentimento de partida

Se somadas  
as mulheres que amei  
faltariam altares  
a tanta louvação

Se somadas  
– e-nos-déssemos-as-mãos –  
abraçaríamos o mundo

(Guerras perderiam os sentidos)

Sendo a vida e sendo o amor  
testemunhos de vivências  
a herança que levo  
é a herança que deixo

Somadas,  
entregam-me paraísos  
Ao mais leve toque  
abrem-me róseos céus

# Indormidos

A que horas  
das 24  
dormem aves e anjos?

O tempo todo se ocupam  
comigo  
a cantarmos louvores para ti



# Encantamento

Se não existisses  
eu pediria a Deus que te inventasse

Igual agora descansas do completo amor  
em meu abraço

## Memória amorosa

Quando o mundo deixar de ser mundo  
e a humanidade for apenas memória digital  
na nova história de novo planeta  
serei centelha de espírito colonizador

Serás a única memória amorosa  
das vivências a bordo do planeta terra?

Desatento ao manual de sobrevivência  
que ensinava não fazer de outro ser  
seu próprio ser  
entreguei-te bem mais do que fui

Quando o mundo deixou de ser mundo  
para desfazer-se em descomunal deserto  
promovido pela própria fera humana  
lá estava eu

Vertigem da natureza abatida  
erguendo voz e bandeiras de protestos  
Quando o mundo deixou de ser mundo  
lá estava eu  
vertendo versos de consagração a ti

Quando o mundo voltar a ser mundo  
ainda que em outro mundo distante  
lá estarei a tua espera  
– renovando a paixão que colhemos hoje  
Ainda que tenhamos outros nomes  
e memória nenhuma desta vida

Ou o amor que agora nos trama os corpos  
já é o prêmio de sementeiras passadas?



# **A poesia envelheceu no coldre**

O poeta  
desistiu de consertar o mundo

## A poesia envelheceu no coldre

O poeta  
desistiu de consertar o mundo  
Não garimpo único verso alheio  
que se erga dos joelhos esfolados  
e fite nos olhos os opressores

Ferreira Gullar  
deixou enferrujar no coldre  
sua palavra vigorosa

Seu poema sujo  
queria lavar o mundo  
e não banhou a si

Thiago de Mello supurou cortes  
Ergueu da cova  
a nova palavra liberdade  
porque *faz escuro mas eu canto*  
Mas extenuou-se a força frente às injustiças

Hoje lava seu verso verde  
nos confins da Amazônia  
E o pão a secar ao sol  
sem nenhuma cantiga armada

O país tornou-se a pátria dos sonhos  
sem fome desemprego dívida externa  
  
ou a poesia enferrujou verbo e lâmina?

## Cão daninho

Cabeça aos turbilhões  
nunca paro de sofrer a fúria diária

Comparo estes dias enlouquecidos  
com o ameno tempo das diligências

Ao silêncio insone de cidades fantasmas  
só faltam tiroteios para continuarem mortas  
São os mesmos enforcados feito pêndulos  
Os mesmos cadafalsos e executores

Turbilhonado,  
tento a salvação plugando-me ao mundo  
A tevê mostra a vida nada fantasma  
Arrasta correntes dos milhões de vivos-mortos  
Valas comuns  
Vida executada em massa

Com os bombardeios no Iraque  
pelos cães daninhos  
durmo meu pesadelo e realidade

Mísseis varrem populações  
Abrem precipícios no mundo  
ecoando  
ecoando  
ecoando

acuando busheanamente

## Tempos de sacrifícios

É preciso sangrar os céus  
para que se desenovelem torrentes  
Logo pequenos dilúvios  
são alegres vozerios de rios

Apagam florestas de velas acesas  
que suplicavam chuvas às lavouras  
Saciam populações estorricadas

É preciso sangrar a noite  
para que a justiça se faça às claras

E os promotores de guerras  
explodam em seus colos  
os próprios mísseis

É preciso sangrar o sol  
De seu ventre  
venha calor às geleiras dos rostos tristes

Dos escombros somem-se ombros  
e surjam luzes na desesperança social

É preciso sangrar o amor  
para que das despedidas  
e pactos de sangue ruim  
ressurjam os céus do olhar

Hospedeiro da fúria branca do amor  
o poema é cão  
já conseguindo lambar seus cortes

# Eudiabrado

Misto de endiabrado e pacificador  
submeto Busheet  
e cada cúmplice eleitor estadunidense  
ao paredão infalível de Deus

Submeta-os ao fuzilamento geral  
Pulverize suas tropas  
– trupe das próprias consciências lodosas

Tatue bombas exterminadoras  
no corpo e olhar dos viventes bélicos  
Depois renasçam aves  
esquecidas do pânico provocado

Eudiabrado  
sou contraste entre paz e populações dizimadas

II  
Se não te amasse tantotanto  
mulher de minha adoração diária  
– eudiabrado  
instalaria a última guerra  
para limpar o mundo do ser humano

## Expectativas para a próxima vida

Paralisado

não sobrevivo ao lixo diário

por outra razão

senão pela esperança de rever meus pais

os irmãos que partiram antes de mim

os amigos e as amadas paraisadas

Meu plano amoroso

éfestivar com todos

– bem distante da humanidade belicosa



## Vestida de napalm

Divide comigo,  
Phan ThiPhuc,  
tua roupa de napalm

Divide comigo o apocalipse  
de teu corpo  
Ou dá-me-o inteiro para eu zelar e vingar

Falta tombarem muitas torres gêmeas  
para vingança  
de dois milhões de vietnamitas mortos

Te amo muito, Phan ThiPhuc  
Desde quando vestias napalm estrada afora

Casa comigo e ninguém mais te ferirá  
doce vietnamita  
Te vestirei com meus abraços curativos  
Iluminadas pelo amor  
minhas mãos te lavarão  
do banho de napalm

A lava vulcânica de tua pele  
lavarei com beijos tão ternos  
até que nem mais lembranças te marquem

Em tua pele e rios interiores  
correrão apenas luzes e mel

## II

Há décadas meus olhos não te tocam  
mas meu amor por ti guardei intacto  
Guardo comigo tua dor de napalm

## III

Phan ThiPhuc

Acaso te tenhas exilado em Vega  
para despir tua roupa de napalm  
– dou-te notícias do mundo neste poema

Armas esfolam décadas  
Continuam varrendo o mundo  
sem nenhuma cerimônia ou enrubescimento

Eles têm cegado e posto por terra  
qualquer levantar de joelhos ou olhos  
ao xerife do vilarejo planeta terra  
Apenas trocam a estrela  
de peito e de nome

Doce Phan ThiPhuc,  
o cão hoje atende por W. Busheet  
Amanhã haverá outros nomes  
acuando outras pátrias

IV

Nas décadas

em que meus olhos não souberam de ti

meu amor guardei intacto

Ainda que residas em Vega

e ames o vegano pai de teus filhos

Preciso que este poema

chegue a ti em Vega antes deles

Logo estarão aí

bombardeando e tomando posse de tudo

A novidade é que o napalm de tua dor

tornou-se arma tão superada

que é quase um creme hidratante

# Olhos de Deus e de Alá

Do alto de casa sinto a cidade onde moro  
Morros, palacetes convivem ao seu modo

O corpo citadino é perfeito  
Cada pessoa é célula da cidade  
Cidades, células do mundo

Relógio ,  
o planeta passeia no pulsar de cada ser  
O vibrar de todo humano  
independe da língua em que pulse a paz

Este, o sonho

II

Aqui da tevê de casa, rádios, jornais  
mostram o mundo que se-despedaça-nos

Olhos da tevê mostram ao mundo  
olhares agônicos de crianças palestinas  
israelenses, líbias, sírias afegãs, russas  
– círios incendiados por mísseis

Olhos de Deus e de Alá  
Onde estão que não pacificam guerras?

Parecem cegos de nascença

# Comovências

Revolta  
sentir a vida ferida

Sinto-me culpado  
de que flores tenham murchado  
Não devo ter regado de esperanças  
aortas canteiros salários mínimos

Meus braços deveriam ter salvo o mundo

Deveria ter sido eu o sacrificado  
ao invés do nazareno

Meus sonhos febris  
insistem ser alívio e abrigo  
a tudo o que é vivente e sofre

Mas sou apenas homem  
poeta  
filho imperfeito de Deus

Desarmado  
parto a novos territórios inimigos  
para combater guerras e guerreiros  
uso palavras de reconciliação

Ficam e partem atônitos  
estes braços abertos  
Cegos de esperanças  
buscam inimigos aos abraços de paz

# Precipícios

Cospem incólumes no planeta

Com poder de destruição em massa  
cavam precipícios de dores  
A tudo abatem e nem sepultam

Mas armado de salvação em massa  
o amor combate a carnificina

Quando pacífico  
o corpo se arquiteta amoroso  
Seu arsenal é a palavra Paz  
Bela quando justiceira  
Cruel quando bélica

Arma de destruir em massa o ódio  
os justos  
hão de aniquilar tiranias e abismos

II  
A poesia sussurrada ao teu ouvido  
amada  
é amor de reconstrução em massa

## Somados abraços

Abarco o mundo  
mais do que podem os braços

Por isso caem pelo rastro  
cestas básicas que doaria  
às casas das cidades que falta eu socorrer

Meus abraços tentam abarcar o mundo  
Não bastam  
O planeta todo é motivo de zelos especiais

Bons homens e pátrias e vidas  
somam-se em brancas conquistas  
Postos à mesa da concórdia sem fronteiras

Há muito  
muitos abraços ghandistas abarcam o mundo  
mais do que podem seus braços

Civilizações e ideais sacrificam-se  
ao momento ideal de daqui a pouco:

Todos fartos no banquete geral  
Permanente

## Amorosidade e questão social

Vendo que não voltas  
vou a ti  
Sei que o verão é tua estação preferida  
e levo-o em pacote de presente  
Ficam-me no corpo  
a primavera, o outono, o inverno

Vendo que não voltas  
vou a ti  
Sei que a visão é o sentido que preferes  
e levo-o com zelo nas mãos em concha  
Guardo comigo o que descartas:  
o toque, o cheiro, o som, o sabor

Sei que o azul é tua predileção  
e levo-o em cesto encantado  
Ficam as outras cores do arco-íris  
em meus olhos de paixão

Sei que preferes o amanhecer  
e levo-o em caixas com bombons  
Guardo comigo os ares da tarde,  
o sol poente, a madrugada, as estrelas

Vendo que não voltas  
vou a ti  
Sei que é do ouro o brilho que preferes  
e entrego-o em pesados baús  
Guardo comigo os metais de outros encantos



Sei que o dia de luxo é teu momento dileto  
e ofereço-o em bandeja de muitos quilates  
Fico com o que não carece brilhar

Sei que preferes continentes para domínio  
e ofereço-te cinco maravilhas  
Fico com barcos de papel e nascentes de rios

Vendo que não voltas pra casa  
vou a ti  
Sei de tua preferência pelo paraíso  
e ofereço-o com um beijo de lava-pés  
Fico com purgatório e inferno  
que me ensinaram perseverar e perdoar

Vendo que não voltas – por esquecimento,  
deixo-te com o que ofertei  
A ti interessa o brilho pronto

Não serias parceira  
a fazermos das noites geladas  
o dia de sol que busco para todos

Amar transforma medos  
em mesas-bem-postas aos que têm fomes





# Lembrete para morrer amanhã

Preciso lembrar de morrer amanhã  
Espalho cartazes pela casa  
pelos outdoors da cidade

Internet

# Lembrete para morrer amanhã

Preciso lembrar de morrer amanhã

Anoto o compromisso  
em letras garrafais  
Sublinho em vermelho  
na agenda do dia seguinte

Preciso lembrar de morrer amanhã

Espalho cartazes pela casa  
pelos outdoors da cidade  
Internet

Preciso lembrar de morrer amanhã

Vá que eu esqueça que te perdi  
e amanhã acorde sem ti

Louco, prefiro os cemitérios  
aos hospícios ou hospitais

Preciso lembrar de morrer amanhã

Sem tua boca para meu alimento  
preciso lembrar  
de morrer  
hoje

## A noite em que o mundo acabou

Recém amanhece na avenida vazia  
quando a levo de volta para casa  
O dia é claro mas escuros os rostos

No cérebro parece rodar um disco estragado  
trancado na frase martelando  
*Besa-me. Besa-memucho,*  
*como si fuera esta nochela última vez*

Da meia-noite ao amanhecer  
nos beijamos tão desesperadamente  
como se fosse possível  
salvar Cristo da cruz  
Ou não mais nos separar

Na noite em que o mundo acabou  
não saí um segundo do teu abraço  
Nem de tuas cavernas e céus interiores

*Besa-me. Besa-memucho...*  
No beijar alucinado desta noite  
não fechamos os olhos:  
medrosos de que um sumisse da boca do outro  
Medrosos não fechamos os olhos  
Nem quando minha boca te passeava  
Subia, descia, te enlouquecia e gemias:  
Adoro gozar no teu sorriso!  
*...como se fuera esta nochela última vez.*

Foi ressurreição e apocalipse nossa fome  
Na noite em que o mundo acabou  
decidimos friamente no jantar  
ser esta a última noite e a última vez

*Besa-me. Besa-memucho...*

O assovio do bolero martela-me o pensamento  
Não é de estranhar? – comento contigo  
a caminho de tua casa  
*...como si fuera esta nochela última vez*

Não é de estranhar! – dizes ao meu lado  
– O disco ficou trancado  
a noite toda na mesma frase!  
(Teu sussurro brotou molhado  
no rosto em dois pequenos córregos)

Na noite em que o mundo acabou  
não saí um segundo do teu abraço  
Nem de tuas cavernas e céus interiores

Sem trégua nenhuma ou repouso  
desesperados nos fizemos um só

*Besa-me. Besa-memucho...*

Sem um minuto para trocarmos o disco  
trocamos o amor pela separação  
(Assovio interminável  
*...como si fuera esta nochela última vez*)

Somos perfeitos paraíso um do outro  
quando somados corpos e amor

Separados, trilhamos desastres  
trilhos desertos  
Cada qual com seus sonhos e umbigos  
sacrificamos a eles nossas vidas

Nossos encontros foram  
tácitos tratados de paz  
Mas à mesa da estupidez  
assinamos com pranto  
o tratado de rendição geral à dor do adeus

Na noite em que nosso mundo acabou

## O céu que estava aqui

Cadê o chão que estava aqui?  
Bato braços e pernas no vazio  
bato dentes de frio  
Bato cabeça em busca de ar e de luz

Cadê a cama quente que estava aqui?  
Sem o ninho de antigo repouso  
pareço corpo prestes a 14 provações  
Solto na prisão de mundo alienígena  
que via-crúcis me espera?

Cadê o beijo que estava aqui na boca?  
Bato asas imaginárias  
no vácuo onde a vida deveria brilhar

Cadê o chão que estava aqui?  
Cubram os buracos negros do universo  
O buraco negro de tua ausência  
que a tudo engole e onde caio

Cadê o amor que estava aqui no peito?  
Agora cremado não é nem mais cadáver  
para exumação e autópsia  
Teria mesmo existido  
ou só fostes falso braseiro o tempo todo?

Cadê minha mulher que estava aqui?

O vento frio que há pouco me envolveu  
redemoinhou nos olhos e sumiu  
Foi o corpo-pó do amor que fugiu



## Confissões de desamparo

Necessito-te sem nenhum pejo  
Brado meu desamparo e desdita  
nos palanques e ruelas da desvida

Confesso em praça pública  
– tomada de inimigos  
que fostes meu único viver

Vim a este mundo cumprir pena  
Dá pena tanto te desejar

Se eu não gritar à exaustão que te amo  
agora  
morro sufocado nesta inconfissão

Mesmo atropelado o meu livre-arbítrio  
preciso do teu salvo-conduto  
para sobreviver sem ti

Meus suspiros  
serão noites de insobrevivência?

Escrevo teu nome nas rochas e corações

Sou completo desamparo  
por tua ausência em mim  
Paraíso e metrópole jogados ao lixo

# Olhos chovem

Olhos chovem  
Levam embora o gosto da amada  
da boca já saudosa do beijo

Tua partida leva  
lava o amor que lavara a alma  
e purificara corpos de entrega

Olhos chovem  
Levam do rosto  
resquícios da boca  
ainda quente do beijo de adeus

## *La mala suerte*

O que agora escarras na calçada  
do alto do pedestal de tua boca  
sou eu

Sou eu o nojo  
pisado pelo passante desavisado  
Percebe a peste malcheirosa  
e espraguejas tanta *mala suerte*

Se má sorte a do transeunte  
pior sorte ser eu o escarro  
a bosta humana a bosta animal  
pisadas nas calçadas do desamor

A expectoração do alto do teu pedestal  
é herança à minha descendência  
E todos os que ouvirem falar em mim:  
o miserável que tanto amou  
foi amado  
Acabou sendo dejetos  
nos sapatos dos transeuntes apressados

O cuspe com que sujas a calçada  
mais do que meus restos mortais  
somos tu e eu  
– jogados fora pelo amor impossível

# Poderosa

Cuidado

Mesmo os buracos negros  
que até céus e galáxias consomem  
também consomem a si

# Solidões

Encantava-me  
quando éramos companheiros  
pra tudo

Depois  
pra quase nada

Há algum tempo  
companheiros para poucas trocas

Nossos penúltimo beijo  
aconteceu quando já quase nada  
nos fazia sair juntos de casa

Agora não estamos acompanhados  
nem de nós mesmos

De tão ausentes  
nem precisamos dizer adeus

# Resistência ao naufrágio

É dia  
de outra noite não dormir

Ontem  
novamente  
o medo instalou-se feroz

Por isso a vigília e a resistência  
dos que no mar do amar naufragam

Amanhecem anoitecidos  
até a sucumbência irreparável

## O mundo recomeça no fim do mundo?

Na fuga de nova entrega a ti  
querendo correr para sempre  
desfiz-me em pegadas

Ceguei ao fim do mundo  
feito apenas sombras

Meu corpo  
em loucos círculos  
apagou-se no teu rastro

## Partilhado aos dias

Não mais hei de chorar o abandono  
O propósito das mãos é a carícia  
e não o aceno daninho do adeus

Não mais hei de esperar o retorno  
Nos encontrarmos nas madrugadas  
só partilharíamos escuridões

Entreguei-me todo a ti  
mais do que me tenho partilhado aos dias

Não mais hei de chorar-te  
além da última molécula do corpo  
Além da última gota das torrentes  
e do derradeiro suspiro dos vendavais

Impossível chorar mais do que sepultar  
o sonho de conhecer Paris  
e a maior lua de saturno  
que batizei com teu nome

Não chorar além deste incêndio  
consumidor  
de minha amazônica esperança

Não hei de morrer  
além do que suportou  
este corpo velado  
cercado de amigos  
Envolto de tua ausência



Impossível morrer por ti  
mais que estes que agora  
acolhem-me e pranteiam

Tudo em vida te ofertei  
Só não te entrego  
este sopro divino  
– onde acabo de embarcar

## Vidas que levas

Se uma foto vale mil palavras  
tua imagem  
é todos dicionários do amor  
És álbum de deus-fotógrafo

Teu corpo no meu  
meu coração no teu  
algemados pelo beijo

Teu olhar a cada encontro  
exibe um milhão de fotos  
És todas palavras de deus-poeta

A vida vai parar  
o coração vai parar  
o mundo vai terminar  
Preciso encontrar-te  
para a última noite em claro

Tua imagem  
fazia-me o mais doce homem  
O mais amargo homem do mundo me fazia  
a cada partida

Gastos todos os refis  
refiz o inútil caminho de volta

Morrer que outra vida mais?  
Não haverá outra partida  
porque nunca mais haverá tua chegada

## Em que mares e em que margens?

Sempre que passas  
estou isolado na outra margem do rio  
Desolado no caminho oposto ao teu

Qualquer modo que uso  
para transpor rios calmos  
ou mares profundos  
– não mais te encontro na outra margem

Se passas pelo outro lado da rua  
é tanta gente e trânsito  
que só encontro teu perfume

Mesmo apressada  
teu olhar em mim repousa  
Ousa, se apossa

Em que margens de que dias  
estaremos sós para nós dois  
ancorados no mesmo porto?

Em que rios ou mares sem margens  
nos aportaremos  
para armazenagem e troca de frutos?

## Refis sem reposição

Da garrafa térmica quebrada  
refila-se a ampola

Cada acordar é reposto refil  
na contagem regressiva dos dias

Esperanças são refiledas  
Perfiledas  
na permanente gangorra  
da queda e do erguer-se  
da carícia e rechaço  
do trato e distrato

Bomba-relógio  
zerada na exaustão dos corpos  
Finda no tempo findo do querer

tic-tactic-tac  
tic (tempo sem tempo de refilar-se

tu-eu tu-eutu-eu  
tu (tempo findo para refilar-me  
tu-tu-  
tu

.

# Teu único homem possível

Deus perdoe  
mas não devo ser homem do bem

Do modo que te quero bem  
é de uma posse tão grande  
que fico a te lambar feito cria nova  
Minha fêmea fértil todas as horas do ano

O ar que respiras é meu rival  
porque deverias respirar o meu respirar

O sol que recebes é meu rivalíssimo  
Porque deveria ser apenas eu o teu dono  
Ser eu tua única fonte de vida e de brilho

Deus perdoe  
Mas se ele te amar a metade do que te amo  
tu e todos estarão consagrados

Não devo ser homem do bem  
por me deixar alucinar assim

Deus perdoe ter enlouquecido  
Mas do jeito que te amo  
preciso desumanizar a humanidade inteira  
para eu ser teu único homem possível

## Desvairo

Ficou triste o jeito de sorrir  
Sonhar augúrios

Feito entulho pedra muro musgo  
buraco  
mina terrestre pisada  
– tropeças em mim

Estava exausto de esperar  
que me encontrasses sobrevivente

Ando tão triste por nós  
que paro  
e espero passar meu pobre féretro

## Sinais de insobrevivência

Na casa apagada  
relampeja a alva dentadura da noite  
Furiosa canícula

Temporais mascam raios  
Mandíbulas geram desastres

Calamitoso  
o tempo noturno ronca trovões  
Dinamita as luzes poucas dos olhares  
Submerge em pânico a cidade

Postos abaixo  
aeroportos não impressionam tímpanos

II  
Alheio à catástrofes  
o corpo na casa não registra medo

Desde o início do abandono  
a linha de pulsação da vida no monitor  
é apenas uma silenciosa reta horizontal

## Última notícia do *front*

Não sabes  
dos campos de batalhas  
*Fronts* reais de combates  
que provoquei para me abaterem

Queria matar-te de saudades de mim  
Matar-nos de culpa  
por não termos vencido o adeus

De muito longe  
dou-te notícias do *front* de guerra

Para desespero e desassossego  
– sobrevivo  
Sem outro ferimento fatal  
que não o desespero de tua lembrança

Agora sabes dos campos de batalhas  
*Fronts* reais de combates  
que provoquei para me abaterem

Eu não queria sujar minhas mãos comigo





## **Corpos nos digitais**

Nas manhãs  
descortino janelas e cortinas  
Desvendo horizontes novos  
no próprio coração para oferecer-te

## Corpos nos digitais

Nas manhãs  
descortino janelas e cortinas  
Desvendo horizontes novos  
no próprio coração para oferecer-te

O que no universo não floresce  
frutifica em nossos digitais  
para assombro luminoso dos olhos

Melhor será o despertar  
na próxima manhã azul

Teu suspirar em meu ombro  
Teu coração no meu peito  
respiram o amor possível entre nós

# Posseira

Descuidado de tua anunciada invasão  
abri o beijo e o peito

Descuidei-me da vigília  
nas madrugadas

Tua aparente ausência  
era presença de abraços de algemas

Descuidei-me  
por achar invioláveis minhas muralhas

Descuidei-me de teus cânticos  
de sereia moderna  
Disfarçados encantos  
Armadilhas para aprisionar-me  
nos cantos e meios do teu corpo

Quando tranquei as portas  
posseira  
– tu já havias entrado

Passado o assombro  
semeia-nos em lavouras de luzes

Que nos possamos colher  
já no próximo amanhecer

## Não verão maior

Dos invernos que lembro da infância  
calçava pés descalços  
nas manhãs de alvíssimas geadas

Quebrava geleiras com pés nus  
ou rotos tamancos  
Buscava nos descampados vizinhos  
vacas para a ordenha por meus pais

Eram pés de anjo sem asas  
com a quentura inocente de vãos infantis

Ártico, antártico e geadas do sul  
eram picolés e sorvetes ao menino que fui  
Delícias de verões talvez inalcançáveis

Do último inverno que lembro  
buscando pasto no campo inteiro-vidro  
eu era feliz repontando vacas e montarias

Trazia o cavalo à carroça do pai  
que trariam ao meio-dia algum alimento  
à mesa da quase vintena de filhos, mãe, avós

Do último inverno (que lembro ainda menino)  
o rigor das precariedades  
nos punha solidários no mesmo ninho quente

O inverno de nossas infâncias  
ensinou-nos a sermos verão o ano inteiro  
A vida toda

II

Cresceram-me asas e vôos  
onde hoje cabem aquecidos  
meus filhos e netos e meu amor

# Princesa encantada

És quem amo  
e vens divinizada dos céus

Pousa nas terras e mares  
com a calma de mães acordando filhos  
estalando beijos despertadores à escola

Porque vens dos céus e és divina  
não causes à terra  
danos de terremotos e maremotos  
com o assombro de tua luz

Tua presença  
é Deus é a Virgem é Cristo e são anjos  
vindos humanizados

Acomodam-se fraternos em meu colo  
onde também acomodo a mulher que amo

Tua chegada  
traz reunidos em cauda de cometa  
santidades  
para salvarem de todo mal o planeta

Tua vinda  
é nossa ida juntos aos céus

## Mulher

Quando conheci o mar  
o sol nascente se exibia

Pálido de encanto  
respirei tão fundo  
que inspirei os dois deuses  
para dentro do peito

O mar, o sol  
acordamos juntos todos os dias  
Servimos, amorosos,  
teu café da manhã na cama

## Olhos de amar

A luz não se fez quando Deus fez o mundo  
A luz se fez luz na luz dos teus olhos

São fochos de minas de diamantes  
expostos ao sol das manhãs dos séculos

A luz do teu olhar nos ilumina o mundo

## O planeta se faz plátanos

Quando beijo uma folha de plátano  
beijo a rua inteira de plátanos

O mundo se faz plátanos  
– apiedado de mim

Sempre tu  
– galáxia de plátanos  
plantada em mim

De tão só  
basta-me esta folha amorosa  
na boca  
para matar a sede ancestral de ti



## Cama e mesa postas

Aqui está posta a palavra  
sobre a pele de ternos olhos

Sob os digitais nos talheres  
e lápis em cio na fértil folha

Hospedeiro fertilíssimo

Postas de peixe na travessa  
sobre a mesa posta  
à saciedade do amor

A poesia  
serve-se do poeta  
para saciar sua sede de ser humana

Chegam-me teus sucos e sumos quentes  
para temperarmos o jantar-te

Depois umedecemos de loucuras  
as noites intermináveis

## Quando somente o corpo parte

Há viagens para o esquecimento  
em que somente o corpo foge  
Parte da gente fica escondida  
no cantinho quente do ninho  
– querendo não ir embora

Apenas o corpo parte  
*Pasea loco en las calles*  
*de paiseshermanos*  
Querendo resistir ao abandono  
o corpo  
obriga-se a passeios, shows, cassinos

Aturdido, grito, carrego cartazes:  
*Quem me conhecer diga-me quem sou*  
*e me leve de volta pra casa brasileira*

Fugi para saber  
se tua vontade de que eu ficasse  
era maior que a minha de partir

Há viagens em que nem o corpo parte  
Fica a alma guardando o amor  
Espera que o corpo retome a razão  
e volte ao ninho quente  
de onde avisa que me esperas

Montevidéu, 10 maio 2006

## Endereço completo

As margens de tua pele  
são fronteiras frutíferas  
Aguardam saboreios  
e invasões profundas

Os cheiros de cios se percebem  
se respondem em suores  
Olhares molhados de desejos

As margens de tua pele  
teu corpo  
são minha morada no paraíso

## Saudades dos amigos mortos

O Valdeci

em nossa instrução de guerra no Exército  
na manhã frígida daquele agosto  
morreu bebendo o rio Saicã  
Depois de tão pouco ter bebido a vida

O compadre Luis Carlos

brincando  
incendiou Porto Alegre  
com seu corpo aceso  
na negra fogueira de São João

O “seu” Gidelci Macedo

envolto em receitas e bulas e rimas  
com seu primeiro poemário  
inaugura a Editora Alcance  
Depois foi ser patrão de CTG  
na querência xucra do céu

A Cláudia

foi anjo em florescência  
E porque não vi seu corpo velado  
continuas viva nos meus olhos

A Vânia,

se casássemos quando pediu,  
estariamos zelando seus campos,  
gados, arrozais, filhos  
E viva!  
Ou nós dois mortos  
no acidente que nos roubou seu sorriso

O Giderli  
que depois o Valter matou  
iniciou-me no universo da leitura e escrita  
Comecei pela magia dos gibis que me emprestava  
Trabalhávamos na Agência Diana  
Revistaria onde eu era engraxate e menino feliz  
(Secretamente até hoje torço  
para que algum super-herói o tenha vingado)

O Nelson Fachinelli  
foi morto pelo amor e pelo coração  
Mudou-se da Casa do Poeta  
para Casa de Deus

II  
Listarei que outros prantos  
até me prantearem?

# Pintura de fim de noite

Exaustos  
dormimos crucificados  
um sobre o outro

Mãos braços pernas bocas  
corpos quentes  
sexos

Diferente de Cristo  
a cruz em nós não é martírio

Mas sagrados prazer e repouso

# Tudo estranhamente pleno

Acho que morro esta noite, pleno

Está tudo tão completo  
que o coração em festa  
nada mais tem a brilhar

Conheci o único instante na vida  
sem pensar em ti

O fino fio  
que divide êxtase e auto-imolação  
é de fina seda envolto em fogueiras

Sobrevivo sedento de teu beijo  
onde há muito não bebo vida

## II

Pressinto morrer ao amanhecer, pleno

Está tudo tão completo  
porque o instante em que sonhava  
não sonhava contigo  
Por aquele instante não fui tua posse

Mas no momento sem pensar em ti  
eu delirava conhecer o amor

E já era véspera de te procurar  
Até onde dói o martírio de Cristo  
até onde alcança a voz de Deus







## **Automedicação e efeitos colaterais**

Agora respirando  
realizo o rescaldo do incêndio  
de tua passagem sobre meus dias

## Automedicação e efeitos colaterais

Agora respirando  
realizo o rescaldo do incêndio  
de tua passagem sobre meus dias

Automedicação e efeitos colaterais

A saudade  
automedica-se em legítima defesa  
Busca curar-se  
rasgando álbuns de fotos e de fatos

Destrói presentes futuro projetos  
Deleta arquivos e-mails agenda pessoal  
Quebra caixas com CDs e vinis  
Raspa barba e bigode para cada dia  
lembrar de apagar do coração  
teus perfumes

A saudade se automedica  
Queima cama colchas lençóis travesseiros  
pijamas dos dois e os lingerie todos dela  
Queima a casa e queima os corpos

(Queimaria o mundo se pudesse)

A saudade automedica-se  
com banhos de imersão em ervas  
Enfermiça terminal  
curativa-se com gazes de ira  
e preces de esquecimento

Ignora contra-indicação e efeitos colaterais  
ao matar o amor assassino  
O corpo inteiro torna-se estéril  
histérico  
Loucos estados de coma e camisa-de-força

Por mecanismos de legítima defesa  
a saudade se autodestrói  
quando beira o precipício

(Queima o mundo)

II

Do salto nascem pára-quedas de vãos  
para os tempos de limbos  
Mas vésperas de novos céus e ninhos

Tempos de outro nome de mulher

## Rescaldos(\*)

*(\*) O trabalho para evitar que se nflamem  
novamente os restos de um incêndio recente)*

Agora respirando  
realizo o rescaldo do incêndio  
de tua passagem sobre meus dias

Sobras de vida  
em pele ossos e desabrigo  
Terra arrasada sem chance de replantio  
Terreno com erosão em cada célula  
nem lágrima ou suor ou nascente brotam  
Por baixo de tudo  
a viva camada de brasas  
disfarça-se em inocente manto de nuvens

E tu, corpo inflamável,  
longe mas não tanto do corpo agônico,  
cheiras à combustão de suores recentes  
Restou do fogo geral a garganta seca  
boca imóvel pelo sangue ressequido  
Olhos em postas

### II

Agora respirando  
realizo o rescaldo da inundação  
de tua passagem sobre meus dias  
Abandonado na praia  
envolto em mares de despojos  
espero teu sol e mãos caridosas

Confiante nas estrelas  
a quem emprestas teu brilho  
e nas vozes do amor,  
a quem emprestas tua voz,  
aninho-me em teu colo quente  
Então despertas assustada  
no porto frente ao mar bravio

E todos os sonhos  
(barcos ancorados)  
são postos a pique

### III

Não te culpes por minhas queimaduras  
Bebi o sumo de teu corpo  
o suco de tua boca em beijos de fogaréus

Não te culpes por meu afogamento  
Naufragar em teus beijos e bocas  
e afundarmos juntos nos mares de teu paraíso  
deram-nos vidas sobressalentes

### IV

Agora reflorescendo  
realizo rescaldos  
de tua passagem por meus dias

Renascidos corpos e rios navegáveis  
naufragamos na inundação de suores recentes

Loucos para que o reencontro  
nos incendeie e nos inunde  
nas vidas que nos restam

Meu amor tsunami





35 anos de Alcance  
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 /EditAlcance



rossyr@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

